

---

**“CAVAR A COVA E LEVAR A VELA PARA NÃO MORRER SEM ELA”:  
SENSIBILIDADES, IDENTIDADES E MEMÓRIAS DE VIDA E MORTE NO  
CAULIM**

Inairan Cristino Cunha  
Mestrando UFCG  
inairancunha@gmail.com

Às quatro horas da manhã, dentro daquela pequena casa, uma luz é ligada e com seu flash ilumina a madrugada escura, o fogão é aceso... o café começa a ser preparado para aquecer o frio da solitária noite, assim como um manto a esquentar o corpo de uma criança ao sair do ventre da mãe e na cama, ainda quente e desarrumada, os lençóis amassados são um convite para mais um pouco de sono, mas esse não é um privilégio que o *banqueteiro*<sup>1</sup> da lavra<sup>2</sup> do caulim<sup>3</sup> possa usufruir, pois, já está quase na hora de se dirigir à banqueta<sup>4</sup> e iniciar a sua jornada de trabalho em busca de seu sustento e de sua família.

Enquanto a água do café ferve no fogão, ele prepara o seu material de trabalho: picareta, ponteiros, vela, lanterna e corda; a carroça e a pá já estão dentro da própria banqueta, pois é difícil desce-las pelo carretel<sup>5</sup>. Depois de tudo pronto e de ter tomado o seu minguido café-da-manhã, o *banqueteiro*, esse “herói” anônimo do caulim, sai para a sua “batalha” campal diária como um soldado que vai à guerra sem a certeza do retorno ao lar, ele “fica só imaginando que vai, mas não sabe se volta, o caba sabe que vai, mas não sabe se volta vivo”<sup>6</sup>.

Michel de Certeau, em sua operação historiográfica<sup>7</sup>, questionando-se sobre o *metier* do historiador procura entender a relação enigmática dessa profissão com a morte, relação esta que exorciza e reconhece uma presença da morte no meio dos vivos. “Cavar a cova e levar a vela para não morrer sem ela”<sup>8</sup>, bem que poderia ser uma frase retirada da carta de algum soldado durante um conflito e exposta pelo historiador em artigo, entretanto, ela foi dita por um garimpeiro do caulim quando se referia ao seu trabalho, demonstrando uma perspectiva bem próxima à que Certeau pensara para o ofício historiográfico.

Do mesmo modo que o historiador, os *banqueteiros* também mantêm uma relação enigmática com a morte, entretanto, diferente ou inversamente àquele, o trabalhador da lavra caulínifera não exorciza a morte, embora quisesse, mas ele a

apreende pelos sentidos, pelas sensibilidades que acreditamos ser um dado já implícito na própria natureza humana, embora Durval Muniz (2008, p.113) chame a atenção para o fato de que “o tato, o olfato, o paladar, a visão e a audição também são testemunhas de um dado tempo e de um dado contexto social”, ou seja, longe de serem a natureza em nós, os sentidos são uma construção histórica.

Sendo assim, se pode afirmar que os sentidos desses garimpeiros do caulim foram aguçados ou disciplinados, no dizer de Foucault, para (pré) sentirem o que os circunscrevem no seu lugar de trabalho, como a audição, para escutar se cai alguma barreira de cima da banqueteta; o olfato, a sentir quando sua oxigenação esta próxima de acabar; o tato e a visão, que juntos procuram as rachaduras nas paredes das banquetetas, numa tentativa, quase, inútil de prevenir os acidentes, pois, “o caba faz porque faz mesmo, mas quando vem não avisa não, não dá tempo não”<sup>9</sup>; e, o paladar, a degustar o doce sabor do dever cumprido ao final da jornada de trabalho ou a experimentar “o gosto amargo de fel”, como na música de Gonzaguinha, ao ver o companheiro de trabalho morto, o amigo que a pouco tempo conversava com ele para aplacar a solidão da “cova” escura e agora jaz encoberto pelo manto embranquecido do caulim a simbolizar as flores brancas colocadas no caixão para velar o morto.

Escrevi, até agora, sobre os *banqueteiros* e as sensibilidades por eles produzidas no seu *metier*, porém, não os situei espacialmente, isto é, *grosso modo*, onde se localiza, geograficamente, o lugar destes trabalhadores?

O espaço geográfico destes trabalhadores e, conseqüentemente, da pesquisa, é Junco do Seridó<sup>10</sup>, localizado na região mineradora denominada Província Seridó-Borborema, a qual abrange os estados da Paraíba e do Rio Grande do Norte. Centrada em uma depressão, logo que se chega à cidade nota-se a presença marcante da mineração nos planaltos ou serras que a circundam, nas quais se veem, de longe, as “feridas” brancas deixadas pelos garimpeiros, especialmente, os da extração<sup>11</sup> do caulim. Essas crateras são as já mencionadas banquetetas, que após “secarem”, isto é, não produzirem mais, ou nos períodos chuvosos, ficam abandonadas e se tornam um risco para a população local.

Após apresentar o espaço geográfico, também se faz necessário descrever o caulim, pois, esta é a fonte de trabalho dos garimpeiros, sem a lavra do caulim não existiria o *banqueteiro*, então... vamos a ele. O caulim é explorado no município há mais de 50 anos, durante esse tempo a sua extração direta na natureza, praticamente,

não se modernizou e, ainda, se observa uma garimpagem predatória e precária<sup>12</sup>, ocasionando problemas de significativa relevância tanto para o meio ambiente quanto para o ser humano, principalmente aos garimpeiros da lavra ou os *banqueteiros*. Para estes, os problemas são de insegurança no trabalho: devido a falta de equipamentos adequados (capacetes, máscaras, etc.) e os desabamentos que acabam provocando, no melhor das hipóteses, mutilações nos corpos, na pior, a morte; além, é claro, das doenças pulmonares e lombares.

Apesar disso, ao iniciar uma pesquisa documental<sup>13</sup> sobre o tema nas produções científicas feitas por universidades e órgãos competentes das várias instâncias governamentais observei que elas tinham como denominador comum, em sua grande maioria, a questão econômica e ambiental, mas, pouco tocavam nos garimpeiros que exploravam, e exploram, o caulim diretamente nas banquetas, ou seja, o sujeito humano dessa “maquinaria” não tinha suas memórias descritas e muito menos pesquisadas, tão pouco seus sentimentos e identidades eram debatidos. Isso me levou a questionar esse tipo de trabalho que por um lado, traz retorno financeiro garantido e como dizem os *banqueteiros*, dinheiro certo, e, por outro, faz com que esses garimpeiros mantenham uma “relação” muito próxima com a morte. Nesse sentido, surgiu a seguinte problematização: e os sujeitos históricos, isto é, os trabalhadores da lavra do caulim, onde estão suas histórias?

Dessa forma, a presente comunicação objetiva demonstrar porque escolhi estudar as sensibilidades como construtora das identidades dos *banqueteiros* a partir de suas histórias e memórias de vida e de morte nas banquetas, propondo uma nova visibilidade e dizibilidade desta profissão, direcionando o olhar para além das questões econômicas e ambientais que perpassam a maioria dos escritos sobre o caulim e voltemos nossa atenção ao sujeito trabalhador da lavra desse mineral, seu corpo e suas emoções. Mesmo porque, devemos compreender os sujeitos históricos “como pessoas vivas, [...] num processo em que as dimensões, individual e social, são e estão intrinsecamente imbricadas” (KHOURY apud INÁCIO, 2007, p.157).

Outra questão aparentemente simples, porém, fundamental para esta escrita, reside no problema da designação desses trabalhadores, isto é, qual a melhor maneira de denominá-los: garimpeiros ou *banqueteiros*?

Em meu entendimento, garimpeiro é uma expressão mais genérica e engloba todas as pessoas cuja atividade baseia-se na extração e beneficiamento do minério,

constituindo o segmento dos garimpeiros. No caso de Junco do Seridó essa diferenciação se faz necessário, pois, os garimpeiros do município trabalham tanto na extração e beneficiamento do caulim quanto na de pedras ornamentais e preciosas e de outros minerais como o feldspato e a mica. Com isso, decidi empregar, neste estudo, o neologismo de *banqueteiro(s)* ao se referir a este sujeito histórico que lavra o caulim direto das banquetas, entretanto, saliento que, deste ponto em diante, a expressão garimpeiro(s) será utilizada como sinônimo de *banqueteiro(s)*.

Há muito que a História vem trabalhando com outras fontes, objetos, métodos, enfim..., possibilitando que personagens “esquecidos” ou marginalizados viessem à tona e pudessem ser lidos e estudados por especialistas e leigos. Isso fez com que as narrativas históricas ficassem bem mais interessantes, nos permitindo ter contato com a cata de piolhos das pessoas de Montaillou, a curiosa venda de esposas mostrada por E. P. Thompson, a vida do simpático moleiro de Ginzburg, o casaco de Marx e, inspirado por essas propostas, os trajetos de vida dos garimpeiros de Junco do Seridó, pessoas comuns, mas sujeitos de desejos, emoções, sentimentos...

Nesta perspectiva, busquei outra forma de ver e de ler os garimpeiros do caulim do município que não fosse como simples instrumento de trabalho ou responsável pela degradação ambiental e, por isso, partimos para o estudo da construção de suas identidades a partir das sensibilidades por eles produzidas na sua atividade cotidiana. Pois,

A história das sensibilidades interessa-se pelo indivíduo, por suas reações íntimas, por suas contradições abertas ou encobertas. Ela escava destinos, exuma afetos, mas sempre para reinseri-los em conjuntos significativos mais vastos, grupos, clãs, facções, classes, conjuntos, que eles iluminam a seu modo, restituindo-lhes uma complexidade quase sempre escamoteada ou negada (GRUZINSKI In. PESAVENTO & LANGUE, 2007, p.7/8).

Sensibilidades, identidades e memórias, eis os conceitos norteadores da pesquisa e os quais servirão de base para as problematizações que procuro fabricar. Dessa forma, as discussões sobre sensibilidades serão balizadas pelos estudos de Sandra J. Pesavento, pois, há muito tempo essa autora dialoga sobre este conceito. Para ela,

As sensibilidades seriam, pois, as formas pelas quais indivíduos e grupos se dão a perceber, comparecendo como um reduto de tradução da realidade por meio das emoções e dos sentidos. [...] O historiador precisa, pois, encontrar a tradução das subjetividades e dos sentimentos em materialidades, objetividades palpáveis, que operem como a manifestação exterior de uma experiência íntima, individual ou coletiva. [...] Sensibilidades se exprimem

em atos, em ritos, em palavras, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído... (PESAVENTO, (2005, p.57/58).

Sentimentos e emoções, segundo Pesavento, são materializados por meio das palavras, por essa razão, nas entrevistas feitas com os *banqueteiros* e nas que irei fazer no decorrer da pesquisa, a ideia balizadora segue a perspectiva de pensar as sensibilidades, os sentimentos e emoções perante o trabalho por eles realizado; as entrevistas nos deram e darão suporte para o que pretendemos desenvolver aqui, qual seja, uma nova forma de ler e de dizer sobre essas sensibilidades como construtora de identidades, na tentativa de encontrarmos uma geografia representativa do modo de ver e de pensar sua vida e sua atividade profissional, pois, “a história oral no trabalho com a população, tem possibilitado o resgate de experiências, visões de mundo, representações passadas e presentes” (MONTENEGRO, 1994, p.27). Leituras de mundos, leituras de textos humanos, leituras de sentidos que operam em um ambiente insalubre e “aterrorizante”, leituras que tem a lavra como espaço de vida.

Vale ressaltar, que a história oral aqui operacionalizada será entendida não como uma disciplina separada da História, mas, mais um método auxiliar aos estudos históricos, a luz de Montenegro (apud FLORES; BEHAR, 2008, p.194), “a história oral não existe enquanto área do conhecimento”, corroborado por Cruikshank (2005, p.151), ao pensá-la como “um método de pesquisa, no qual se faz uma gravação sonora de uma entrevista sobre experiências diretas ocorridas durante a vida de uma testemunha ocular”. Concernente às entrevistas, penso que não se pode situá-las historicamente e nem o contexto de produção da memória, visto que “memória não é registro, memória é construção, é elaboração” (MONTENEGRO apud FLORES; BEHAR, 2008, p.194). Com relação à memória individual dos garimpeiros, Fernando Catroga é o autor que irá subsidiar esta lavra escriturística, pois, segundo seu pensamento, a memória individual,

[...] é formada pela coexistência, tensional e nem sempre pacífica, de várias memórias (pessoais, familiares, grupais, regionais, nacionais, etc.) em permanente construção devido à incessante mudança do presente em passado e às conseqüentes alterações ocorridas no campo das *re-presentações* do pretérito (CATROGA, 2001, p. 16).

Sobre o estudo das identidades dos *banqueteiros* presente na pesquisa, ele será norteado pelos escritos de Stuart Hall, mesmo porque, compartilho com o pensamento deste autor quando ele afirma que as identidades “não são, nunca, singulares, mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se

cruzar ou ser antagônicos” (HALL, 2000, p.108). Dessa forma, assim como a memória individual dos garimpeiros é formada por várias memórias, suas identidades também o são, pois, elas perpassam por uma relação conflituosa entre a necessidade de sobrevivência sua e de sua família e a insegurança do trabalho por eles realizado.

A intenção de se estudar as identidades dos *banqueteiros* como produto de suas sensibilidades, deriva da noção de que,

[...] a identidade é um instrumento que permite pensar a articulação do psicológico e do social em um indivíduo. Ela exprime a resultante das diversas interações entre o indivíduo e seu ambiente social, próximo ou distante. [...]. A identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente (CUCHE, 2002, p.177).

O outro motivo desse estudo das sensibilidades enquanto geradora de identidades liga-se ao pensamento de Sandra J. Pesavento. Para ela,

[...] É a partir da experiência histórica pessoal que se resgatam emoções, sentimentos, idéias, temores ou desejos, o que não implica abandonar a perspectiva de que essa tradução sensível da realidade seja historicizada e socializada para os homens de uma determinada época. Os homens aprendem a sentir e a pensar, ou seja, a traduzir o mundo em razões e sentimentos... (PESAVENTO, 2005, p.57/58).

Sabendo que a produção de identidades está vinculada a um sistema social e a uma historicização e à mesma é construída a partir da alteridade, pergunta-se: Quem é o *outro* desses trabalhadores?

Apropriando-se das memórias de Antonio<sup>14</sup>, um dos meus entrevistados, se pode afirmar que a construção identitária do *banqueteiro* não é feita a partir do *outro* enquanto sujeito humano, do estranho, mas sim, do *outro* sob o aspecto do cotidiano do trabalho e o risco da morte (de si e dos outros), o que é percebido na fala dele a seguir:

Quando chega de madrugada pega a lanterna e sai alumando para vê se num tem barreira arriando. O caba faz porque faz mesmo, mas quando vem não avisa não, não dá tempo não. [...] Eu já vi tirar o caba morto lá de dentro, você passa uns 15 dias um mês abalado, mas o caba esquece. O dinheiro é certo, o caba nem liga. Liga assim porque o caba é humano, mas o caba nem se lembra daquilo que viu, eu mesmo não lembro não, não tô nem ai.[...]. Esse povo mais velho diz uma história que o homem é um bicho danado e é mesmo, o caba cava a cova e leva a vela pra não morrer sem ela, é o ditado do banqueteiro.

E o próprio Hall (2000, p.110) ajuda a reforçar essa idéia do *outro* enquanto labor e não sujeito, dizendo que as identidades são construídas na “relação com aquilo

que não é, com precisamente aquilo que falta, [...] mesmo que esse outro que lhe falta seja um outro silenciado e inarticulado...”.

Portanto, ao longo desta comunicação, busquei apresentar as sensibilidades dos *banqueteiros* como construtora de suas identidades, esboçados, constantemente, pela idéia de vida e de morte no trabalho por eles praticados, refletidos em seus sentimentos de medo e alegria, angústia e solidariedade, enfim, com outras emoções presentes em qualquer trabalhador e as quais atuam na construção das identidades deste ser garimpeiro, uma identidade onde a sua sobrevivência e a de seus familiares é o combustível essencial de sua jornada e sendo o que os mobiliza a *cavar a cova e levar a vela para não morrer sem ela*.

---

<sup>1</sup> Neologismo criado para designar os trabalhadores das banquetas e diferencia-los dos outros garimpeiros.

<sup>2</sup> A lavra é a extração inicial do caulim direto na natureza.

<sup>3</sup> O caulim é uma argila, normalmente de cor branca, derivada do mineral caulinita e que possui vários tipos de acordo com sua alvura, grau de cristalização, opacidade, etc. Geralmente é encontrado junto a outros minerais como a mica e o quartzo. Segundo o Anuário Mineral Brasileiro, as reservas brasileiras de caulim são de 708.296.856 ton., na última década houve um acréscimo de cerca de 13,1%. O consumo setorial de caulim no Brasil apresenta as seguintes participações: indústria de papel e celulose (46,7%), indústria cerâmica (33,2%), indústria de tintas e vernizes (8,3%) e outros (11,8%). Dentre estes, destacam-se os produtos farmacêuticos e veterinários, fertilizantes, vidro e borracha (DNPM, 2009).

<sup>4</sup> São jazidas de caulim cavadas manualmente, em sentido vertical ou horizontal, as quais podem ter dezenas de metros, sem qualquer proteção, seja nas paredes ou no teto.

<sup>5</sup> É tipo um guincho manual.

<sup>6</sup> Entrevista com Antonio (nome fictício), concedida em 24/09/2009.

<sup>7</sup> CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: \_\_\_\_\_ **A Escrita da História**. Tradução: Maria de Lourdes Menezes. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária. 2000.

<sup>8</sup> Antonio (nome fictício). Entrevista concedida em 24/09/2009.

<sup>9</sup> Id. Entrevista concedida em 24/09/2009.

<sup>10</sup> Junco do Seridó-PB, localiza-se a 233Km da capital do Estado, no extremo ocidental do planalto da Borborema e encravado na microrregião do Seridó Ocidental Nordeste, com uma população de, aproximadamente, 7 mil habitantes, onde, a maior parte da economia do município está voltada para a mineração, principalmente da extração do caulim, caracterizando-se como um dos principais sustentáculos econômicos do município (CUNHA, 2006).

<sup>11</sup> Expressão aqui utilizada como sinônimo de lavra.

<sup>12</sup> Predatória, por explorar o mineral e jogar o rejeito em qualquer lugar, sem preocupação com a preservação ambiental e do leito dos rios. Precária, porque é feita com técnicas rudimentares, como o carretel de madeira, corda e força motriz humana.

<sup>13</sup> Esta comunicação faz parte da pesquisa que está sendo desenvolvida no mestrado de História da UFCG, linha 2: cultura, poder e identidades e cujo título é o mesmo deste trabalho.

<sup>14</sup> Nome fictício. Entrevista concedida em 24/09/2009.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

---

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 2.ed. São Paulo: Contexto, 2006.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. O espaço em cinco sentidos: Sobre cultura, poder e representações espaciais. In: \_\_\_\_\_ **Nos destinos de fronteira: História, espaços e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008, p. 97-124.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CATROGA, Fernando. A escrita da história como rito de recordação. In. \_\_\_\_\_ **Memória, história e historiografia**. Coimbra: Quarteto, 2001, p.37-62.

Centro de Tecnologia Mineral – CETEM. **Pegmatitos do Nordeste: diagnóstico sobre o aproveitamento racional e integrado**. Rio de Janeiro: CETEM/MCT, 2003. Disponível em: <[http://www.cetem.gov.br/publicacao/CETEM\\_SRO\\_01.PDF](http://www.cetem.gov.br/publicacao/CETEM_SRO_01.PDF)>. Acesso: 01/09/2009.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Trad. Ephraim Ferreira Alves. 10.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). **Usos & abusos da história oral**. 7.ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução: Viviane Ribeiro. 2.ed. Bauru: EDUSC, 2002.

CUNHA, Inairan Cristino. **Representações sobre o Regime Militar Brasileiro (1964-1985): Um estudo no município de Junco do Seridó-PB**. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em História da UEPB, Campina Grande-PB, 2006.

CUNHA, Ives Chrístien. **Beneficiamento do caulim na região pegmatítica da Borborema e alternativas para o aproveitamento do resíduo gerado**. Monografia de Conclusão do Curso de Química Industrial pela UEPB, Campina Grande-PB, 2009. Departamento Nacional de Produção Mineral – DNPM. Disponível em <<http://www.dnpm.gov.br>>. Acesso: 01/09/2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Eletrônico Aurélio versão 5.0**. 3.ed., 1ª. Imp. revista e atualizada do Aurélio Século XXI. Edição eletrônica autorizada a POSITIVO INFORMÁTICA LTDA. ©2004 by Regis Ltda.

FLORES, Elio Chaves; BEHAR, Regina. **Memórias, percursos e reflexões: com Antônio Torres Montenegro**. João Pessoa: Revista Saeculum, Jan./Jun., 2008.

---

GRUZINSKI, Serge. Por uma história das sensibilidades. Tradução: Patrícia Chittoni Ramos Reuillard. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; LANGUE, Frédérique (Orgs.). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

HAROCHE, Claudino. **Maneiras de ser, maneiras de sentir do indivíduo hipermoderno**. Ágora: Rio de Janeiro, vol.7, nº 2, Julho/Dez. 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo>. Acesso: 05/09/2009.

INÁCIO, Juliana Lemes. **A história oral na investigação das práticas sociais vividas por trabalhadores em Tapuirama, Uberlândia-MG**. Cadernos de Pesquisa do CDHIS, nº 36/37, ano 20, p. 153-162, 2007. Artigo retirado da internet em 18/09/2009.

MELLO, Livia da Silva, et. all. **Beneficiamento de Caulim Pegmatítico da Região Borborema-Seridó**. XIV Jornada de Iniciação Científica – CETEM, s/d.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e Memória: A Cultura Popular Revisitada**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 1994.

NÓBREGA, Jorge Douglas. **Viabilidade sócio-econômica do processo de exploração do Caulim no município do Junco do Seridó PB**. Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em Geografia pela UEPB, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Sensibilidades: escrita e leitura da alma. In: \_\_\_\_\_; LANGUE, Frédérique (Orgs.). **Sensibilidades na história: memórias singulares e identidades sociais**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2007.

PESAVENTO, Sandra. Sensibilidades no tempo, tempo das sensibilidades. In: Nuevo Mundo Mundos Nuevos, Colóquios, 2004. <http://nuevomundo.revues.org/index229>. (Texto impresso)

PROCHASSON, Christophe. **Emoções e política: primeiras aproximações**. Trad. René Lommez. Belo Horizonte: Varia História, vol.21, nº 34, p. 305-324, julho 2005.

SANTOS, Andrea Paula dos. **História de vida dos trabalhadores da economia solidária em Ponta Grossa e na região dos Campos Gerais: memória, identidade e história oral**. Disponível em: [http://www.fflch.usp.br/dh/neh/arquivos/andrea\\_paula\\_1.pdf](http://www.fflch.usp.br/dh/neh/arquivos/andrea_paula_1.pdf). Artigo retirado da internet em 18/09/2009.

---

SELLIGMANN-SILVA, Márcio. Autobiografia, confissão, medo e testemunho: reflexões sobre uma voz dos cárceres brasileiros. In: ERTZOGUE, Marina Haizeureder; PARENTE, Temis Gomes (orgs.). **História e sensibilidade**. Brasília: Paralelo 15, 2006, p. 179-204.

Serviço Brasileiro de Respostas Técnicas – **SBRT**. Disponível em <http://www.sbrt.ibict.br>. Acesso: 01/09/2009